

## **O jogo de Dorian Gray A liberdade na vida do personagem de Oscar Wilde**

Thaís Nascimento Cordeiro  
Universidade Estadual do Norte Fluminense

Também se sentia mal concebido e mal conformado para viver, faltava-lhe uma dimensão para mover-se livremente no mundo, estava preso, tolhido, escravizado ao seu destino como um desenho à folha de papel. (Fernando Sabino)

### **Introdução**

Inúmeros trabalhos já foram desenvolvidos a respeito de "O Retrato de Dorian Gray"; a maioria deles abordando o caráter autobiográfico que a obra pudesse ter. Neste caso, contudo, a análise da relação/diálogo do autor com sua obra tem sido feita como se Wilde se tivesse projetado em suas obras como num auto-retrato que, nada mais fosse, que o reflexo de sua homossexualidade.

Este ensaio visa analisar e discutir a questão da liberdade na vida de Dorian Gray, personagem do único romance escrito por Oscar Wilde, um dos clássicos da literatura de língua inglesa. Utilizando impressões de alguns comentadores de Oscar Wilde e através de interpretações de algumas obras suas e de fatos conhecidos de sua vida, pretende-se chegar à concepção wildiana de liberdade através do personagem Dorian Gray.

A escolha dessa obra para reflexão deve-se, além de sua importância literária, à expressão dos ideais esteticistas seguidos pelo autor, através do ímpeto com que Dorian se lança em sua busca por prazeres, e também pelo fato de a concepção de liberdade de Oscar Wilde assemelhar-se muito com uma das concepções de liberdade que podemos identificar atualmente em nossa sociedade, em detrimento de outras concepções dos últimos séculos que já não são encontradas. Essa concepção é a da liberdade de atender aos desejos, de se realizar aquilo que se deseja.

## **A Maldição de Dorian Gray: sinopse do livro**

Dorian Gray era um típico aristocrata inglês do período vitoriano que a todos impressionava por sua admirável beleza. Belo de rosto e de alma, Dorian era conhecido pelas pessoas como um moço de boa índole, uma natureza simples e bela. Sua mãe foi uma moça muitíssimo bela, lady Margaret Devereux, que se casou com um plebeu, um oficial subalterno de um regimento de infantaria morto em duelo meses após o casamento. Morreu um ano depois deixando um filho e, para este, uma propriedade em Selby, Inglaterra. Em Londres, herdou um rico patrimônio de seu avô, Lorde Kelso, que foi muito severo como menino Dorian.

O rapaz teve seu retrato pintado, em tamanho natural, por Basil Hallward, que o apresentou a Lorde Henry Wotton. Este fez Dorian tomar consciência de sua beleza e do valor de sua juventude, despertando no jovem um narcisismo aparentemente inofensivo que o levou a um mundo de vícios e desregramento. Influenciado pelas palavras de Lorde Henry e apaixonado pela própria imagem, Dorian desejou permanecer eternamente belo e jovem. É então que seu desejo é inexplicavelmente atendido e o retrato passa a sofrer em seu lugar, ao longo dos anos que se seguem a partir daquele momento, as mudanças que ocorreriam no rapaz, refletindo a sua real degeneração, tanto física quanto moral.

Após perceber que sua efígie havia mudado e que esboçava um sarcástico sorriso depois de uma atitude desonrosa, Dorian constata, assombrado, que suas ações não acarretariam conseqüências físicas para ele, mas para o retrato, que além de acumular as marcas de seus vícios, morais ou não, também envelheceria em seu lugar. O rapaz esconde o quadro até o último dia de sua vida em uma antiga sala de estudo de sua casa em Londres, temeroso de que alguém descobrisse seu segredo, o qual não saberia explicar, e passa a agir de acordo com seus desejos e impulsos sem preocupar-se com as conseqüências de tais ações, visto que delas não teria nenhuma marca que o denunciasses. Deste modo, passava as noites bebendo, jogando e se envolvendo com mulheres diversas na procura por novas sensações, o que o leva aos limites da brutalidade.

Ainda assim, tais noites boêmias não lhe renderam olheiras, rugas ou quaisquer outras marcas deladoras, porém, o preço a pagar por conservar-se belo e jovem seria a consciência de sua degradação, explícita na efígie.

Por seus hábitos anacrônicos, em desarmonia com o padrão comportamental aceito como adequado pela sociedade em que vivia, e por todos (ou quase todos) se conhecerem na aristocracia londrina, o Senhor Gray logo adquiriu má fama. Os que o conheceram já mal quisto, espantavam-se com sua aparência não maculada pelas torpezas do mundo e logo criam serem falsos os boatos a seu respeito, pois alguém que praticasse tamanhas abjeções jamais conservaria o ar inocente e puro de adolescente. Até mesmo seus amigos costumavam interroga-lo a respeito de seus segredos para conservar a juventude e a beleza. Tal contradição entre sua reputação e sua aparência gerava inúmeras especulações a respeito da vida de Dorian e seu aspecto muito bem conservado, inclusive a hipótese de que teria vendido sua alma ao diabo.

### **O Criador e sua inter-relação com a criatura**

Nascido em Dublin em 16 de outubro de 1854, filho de Sir William Wilde oculista e oftalmologista e Jane Francesca Elgee poeta nacionalista irlandesa que assinava sob o pseudônimo de Speranza -, Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854-1900) obteve uma bolsa de estudos em 1874 na Universidade de Oxford. Nessa época, a universidade estava em ebulição filosófica, sendo de extrema importância ressaltar a influência exercida pela doutrina esteticista sobre os jovens do meio acadêmico de Oxford.

Foi principalmente na Inglaterra que o Esteticismo se desenvolveu, recebendo várias críticas de importantes pensadores da época, enquanto era valorizado por outros críticos e ensaístas como Walter Pater (1839- 1894), cujas obras influenciaram bastante o pensamento wildiano. O Esteticismo consistia em uma tendência artística contraposta ao racionalismo cientificista e burguês que considerava a arte supérflua, extravagante, inútil e desprovida de qualquer propósito social. A etimologia da palavra revela sua origem no elemento de composição grego *aisthétós* (estet-), que significa sensível, perceptível pelos sentidos; sendo esteticismo a junção de estético com o sufixo -ismo.

Os seguidores do esteticismo, que fizeram da arte sua religião, não aceitavam a salvação da sociedade pela obediência a princípios morais e éticos. Defensores da arte pela arte, os adeptos dessa corrente buscavam um fim de ordem imoral, ou seja, escapar aos imperativos sociais por meio da irresponsabilidade moral da arte, preceito que se revela no seguinte pensamento de Wilde: Não existe livro moral ou imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Eis tudo.

Oscar Wilde começou a escrever O Retrato de Dorian Gray em junho de 1890 e o publicou pela primeira vez em março de 1891. Maria Cristina Elias, colunista da Cult, revista brasileira de literatura, afirma que essa obra foi uma espécie de materialização ou de comunicação dos ideais do autor.

Adriana Camargo, em resenha editorial do romance de Wilde para o site Submarino, afirma que [...] O Retrato de Dorian Gray pode ser considerado como o julgamento moral de Oscar Wilde sobre seu próprio esteticismo. Julgamento expresso as palavras do próprio autor: Tal excesso, assim como toda renúncia, carrega consigo sua própria punição.

Seguir os preceitos esteticistas era comportar-se de forma pouco adequada ao período vitoriano, mas Wilde não se importava. Contudo, suas práticas homossexuais o levaram à prisão, sendo condenado a dois anos de trabalhos forçados no dia 25 de maio de 1895. Faleceu em 30 de novembro de 1900.

### **O Homem subalterno à arte**

Logo após esconder o quadro na sala de estudo, o protagonista do romance de Wilde leu um livro tomado emprestado de lorde Henry, uma novela, que exerceu profunda influência em seu modo de viver. Nosso personagem, contudo, julgava-se mais afortunado que o herói da novela por nunca ter sofrido o mesmo medo que este, o medo de ver sua imagem refletida em um espelho, na superfície de um metal polido ou na água parada, pois o personagem da novela teve sua beleza prematuramente alterada. Dorian experimentava um prazer cruel ao reler a narrativa do desespero do homem que perdeu o que mais prezava na vida: a beleza.

Dorian não temia se olhar ao espelho. Ao contrário, experimentava um terrível prazer em ver sua imagem refletida. Ao fitar o quadro cada vez mais decrepito, no entanto,

ora sentia prazer por não sofrer aquelas degenerações, ria-se de sua efígie e zombava dela, ora sentia repugnância de si mesmo, apiedando-se do que fizera com sua alma e do quanto era egoísta, embora esses sentimentos fossem mais raros que as sensações de deleite por não envelhecer.

Com o passar dos anos, sentia-se cada vez mais ameaçado pela probabilidade da descoberta do precito quadro, não somente porque não saberia explicar como tal sortilégio se dava, mas principalmente porque ali estava sua verdadeira face: todos os sinais de sua vida errante se faziam visíveis na imagem cheia de rugas, com a pele nodosa e envelhecida, uma expressão fria, quase monstruosa, os lábios murchos e as mãos manchadas do sangue do artista que produzira a obra, assassinado cruelmente pelo modelo. O retrato de Dorian Gray era o espelho de sua alma, revelando todas as suas perversidades, vícios e hediondez, e o maior medo de Dorian era que alguém visse esse espelho.

Muitas ações de Dorian foram originadas do medo, como uma forma de coerção exercida pela pintura sobre o modelo: o domínio da arte sobre o homem. Tudo o que ele fazia, fosse para evitar a descoberta de seu segredo, para que ele mesmo o esquecesse, ou para alimentar sua incansável busca por novos prazeres, era guiado pelo retrato, já que ele não as praticaria se fosse sofrer suas conseqüências físicas.

Quando Adriana Camargo vê o livro de Wilde como sendo o julgamento moral de Oscar Wilde sobre seu próprio esteticismo, penso que tal interpretação pode vir do fato de Dorian agir de acordo com a doutrina preconizada e seguida por seu criador e de este, ainda assim, ter dado um fim tão trágico a seu persona. Em nome dos preceitos esteticistas, Oscar Wilde assumiu o papel de um intelectual tão ocioso e janota quanto o personagem de seu romance. Dorian é a personificação dos ideais esteticistas de Wilde, porém isso não o fez merecer a piedade de seu criador, que lhe dá um cruel destino em seu livro.

Jeová Medonça, em seu ensaio "O Retrato de Oscar Wilde ou o Retrato de Dorian Gray? - Questões sobre a Poética do Duplo e Biografismo", chega a essa mesma conclusão:

Contraditoriamente ao que postula [...], Wilde encaminha seu romance demonstrando todas as punições de uma vida sem escrúpulos: no final dessa história de decadência, a morte como penalidade máxima - e sentença moral -, sobre Dorian Gray. (MENDONÇA, *Revista Conceitos*, 2002).

Além disso, foi devido a esse comportamento desviante na sociedade vitoriana inglesa que Oscar Wilde se envolveu em um escândalo público que acabou com sua carreira e o mandou para a prisão por dois anos, condenado a trabalhos forçados por sodomia. Na prisão, escreveu duas obras que são considerados seus mais comoventes trabalhos: o poema A Balada do Cárcere de Reading, e De Profundis, uma carta autobiográfica endereçada ao homem que o mandou para a prisão, lorde Alfred Douglas, conhecido pelos amigos como Bosie.

### **Os mundos de Dorian Gray**

Para um melhor entendimento da liberdade em "O Retrato de Dorian Gray", creio ser necessária a utilização de um esquema explicativo que vou denominar "Esquema Planetário". Esse esquema é composto de seis "planetas" interligados, que delimitam determinada situação.

O primeiro planeta, ao redor do qual estariam os outros, é o planeta da liberdade, onde está a questão: "Dorian é livre?". Esta questão está circunscrita em todos os outros planetas, permeando todas as dimensões da vida de Dorian. O segundo planeta é o do conhecimento. Esta área tem ligação com o que o indivíduo conhece, o que ele sabe, e ainda, a sua consciência. O conhecimento e/ou a consciência estão inscritos no planeta do desejo, o terceiro desse sistema esquemático. Aí estariam as paixões e os desejos do indivíduo. O quarto planeta é o da experiência e, de acordo com o nome, diz respeito às experiências adquiridas durante a vida do sujeito e a liberdade como experiência pessoal. Já no quinto planeta se revelariam os receios do indivíduo, resultantes das experiências vivenciadas e da forma como lidou com elas, ou ainda, o medo da liberdade. Esse é o planeta do medo. O sexto e último planeta, que circunscreve todos os demais planetas, é o do destino.

Oscar Wilde era fascinado pela dicotomia entre os componentes bons e ruins da vida. O amor pelo paradoxo lhe foi herdado de sua talentosa e excêntrica mãe. O paradoxo da liberdade de Dorian Gray é que, embora agisse com liberdade, ele não se sentia livre. Ele não podia se libertar do tempo, pois, apesar de não ter a experiência do tempo, isto é, não sofrer transformações temporais em seu corpo, ele tomava consciência da

representação do tempo toda vez que olhava para sua efígie. Dorian Gray vivia, portanto, no limiar do agir com liberdade e do sentir-se livre. Sua vida era uma constante luta entre si mesmo e seu Outro - a representação do tempo.

As atitudes de Dorian, a partir do momento em que conhece seu Outro (representando, em aspectos físicos, os traços de sua natureza interior), são imbuídas da ausência de limites morais. Com isso, ele não tem consciência da experiência do tempo, já que não experimenta as ações do tempo sem si, em seu corpo, mas em seu Outro. Como o corpo de Dorian não envelhecia, ele agia com liberdade, ou seja, sua liberdade estava condicionada à ausência de experiência do tempo em si mesmo.

Medonça diz que: Se a trajetória de Dorian Gray parte da inocência para a liberação de todos os prazeres indiscriminadamente, o volume de seus delitos é proporcional ao peso de consciência, levando-o ao sentimento de culpa e, finalmente, à autopunição. (MENDONÇA, 2002, p. 144-153).

Os planetas revelam as diversas faces da concepção de liberdade wildiana, pois o personagem Dorian vivenciou a liberdade de formas tão variadas quanto antagônicas, em alguns momentos. No planeta do desejo é preciso destacar o caráter amoral e libertino da liberdade de Dorian, embasado nos ideais estéticos do autor e do personagem. A seguir, o livro *O Retrato de Dorian Gray* mostra a liberdade como a consciência de sua própria degradação moral, no planeta do conhecimento. Já no da experiência, vê-se um Dorian agindo com liberdade sem se sentir livre, criando um paradoxo que se complexifica durante a trama. O mesmo ocorre no planeta do medo, pois Dorian, muitas vezes impelido pelo medo de ter o quadro descoberto, pratica ações que o levam a novas buscas de sensações inéditas, o que o faz acreditar estar agindo livremente; enquanto em certas ocasiões se sentiu tão dominado pelo terror que desistiu de alimentar alguns de seus desejos.

Nas versões da mitologia antiga do mito de Narciso, o outro, aquele com quem Narciso dialoga (o lago), representa sua própria consciência. No poema *O Discípulo*, uma paródia desse mito escrita por Wilde, de mero reflexo passivo, o lago/espelho ganha vida própria e, como Narciso (ou por causa dele?), também anula-se, tornando suas águas doces em águas amargas. Nesse sentido, pode-se compreender a importância, no pensamento wildiano, das influências do planeta do conhecimento sobre os outros planetas na vida de Dorian. A consciência de seus delitos o arrasta até seu destino final através do modo como

alimentou seus desejos, da ausência de experiência do tempo, e do medo de seus fantasmas conscientes.

Isso ocorre quando nosso personagem se vê impelido a confessar o assassinio de Basil Hallward, mas pondera para si mesmo que ninguém o com o nome, diz respeito às experiências adquiridas durante a vida do sujeito e a liberdade como experiência pessoal. Já no quinto planeta se revelariam os receios do indivíduo, resultantes das experiências vivenciadas e da forma como lidou com elas, ou ainda, o medo da liberdade. Esse é o planeta do medo. O sexto e último planeta, que circunscreve todos os demais planetas, é o do destino.

### **Vis-à-vis com a Liberdade**

Dorian mantinha uma relação colidente com a liberdade. Não havia nada que expusesse suas ações erráticas e, por isso, nada impunha limites aos seus desejos, e ao mesmo tempo se sentia perseguido por sua imagem degenerada presa ao quadro. Via-se escravo do quadro e do medo de ter seu segredo descoberto; e, vivendo subjogado ao retrato degradado, o intrigante personagem de Oscar Wilde sabia que, embora suas ações fossem guiadas pelos impulsos de sua natureza, ele não se encontrava em estado de liberdade, pois homem livre é [...] o não submetido. Por isso, decide destruir o quadro para libertar-se.

Isso ocorre quando nosso personagem se vê impelido a confessar o assassinio de Basil Hallward, mas pondera para si mesmo que ninguém o Maria Cristina Elias afirma sobre essa troca de identidade:

Essa metamorfose Wilde [...] Melmoth [...] encerra muito mais elementos do que uma não muito simples troca de nomes e de realidades. Ela traz em seu bojo toda uma mutação de postura e de forma de pensar a vida. [...] Porque, pode-se dizer, no momento em que Wilde se torna um anjo caído, quando perde sua posição de intocado e intocável, ele se torna mais humano. E isso fez toda a diferença. Para ele, que cultivava tanto a tradição grega, perder o posto em seu Olimpo particular, perder a condição de semideus, que acreditava ter, foi um golpe profundo. Mas, de alguma forma, foi também sua redenção.(ELIAS, 2000, p. 55-59).



Em 30 de novembro de 1900, seu último desejo foi atendido: ser recebido na Igreja Católica. Seu cortejo fúnebre entrou por uma obscura porta lateral, sem sinos repicando. Foi dita Missa simples e seus restos mortais, levados para o Cemitério de Bagneux, num túmulo indicado apenas com o nome e as datas. É fora do livro, no momento em que Wilde é aceito pela Igreja, que se revela a concepção cristã da liberdade wildiana, visto que seu personagem foi punido com a morte pelo delito de viver uma liberdade ilusória. O agir livremente sem sentir-se livre poderia ser traduzido em ilusão de ser livre, da mesma forma que uma criatura feita por Deus estaria submetida aos desígnios divinos, experimentando apenas uma liberdade ilusória.

Somente nove anos após seu sepultamento, com o pagamento de todas as suas dívidas, o escritor foi removido para o Père Lachaise e ergueram um monumento sobre o túmulo. Oscar Wilde estava imortalizado.

## Referências

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

ELIAS, Maria Cristina. Uma vida gravada na água. In: *Revista Cult.*, nov. 2000, p. 55-59.

\_\_\_\_\_. Paradoxos de Salão. In: *Revista Cult.*, nov. 2000, p. 60-63.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: OBJETIVA Ltda., 2001.

MENDONÇA, Jeová. O retrato de Dorian Gray ou o retrato de Oscar Wilde? questões sobre a poética do duplo e biografismo. In: *Revista Conceitos*, v. 4, n. 6, jun./dez. 2002. Paraíba, p. 144-153.

\_\_\_\_\_. *Oscar Wilde: discípulo de Narciso*. 2003. Disponível em: [http://www.jallageas.art.br/PUBLICACOES/oscar\\_wilde\\_geo/oscar\\_wilde\\_geo.htm](http://www.jallageas.art.br/PUBLICACOES/oscar_wilde_geo/oscar_wilde_geo.htm). Acesso em: 05 set. 2004.

ROLLEMBERG, Marcello. Morte e Redenção do Dândi. In: *Revista Cult* (bla bla bla), p. 49-54.

*The Picture of Oscar Wilde: A Brief Life*. Última modificação em 26 mar. 2002. p. 1-7. Disponível em: <http://www.victorianweb.org/authors/wilde/wildebio.html>. Acesso em: 17 ago. 2004.